

Os Sete Povos das Missões, ocupação territorial e fronteira: crítica documental das cartas do Pe. Antônio Sepp

Miguelângelo Corteze

Doutorando UFS: PPGH. Linha dois: Fronteiras, Movimentos Sociais e Poder. Pesquisa financiada com bolsa da UFS. Docente EBTT de História do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS, campus Erechim.
miguelangelo.corteze@erechim.ifrs.edu.br

Antônio Marcos Myskiw

Orientador e Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Programa de Mestrado em História, da UFS
amyskiw@uffs.edu.br

Resumo

O objeto desse artigo está em problematizar os escritos do Padre Antônio Sepp e sua obra, procurando contextualizar para realizar uma crítica documental. A proposta se orienta através de algumas perguntas. O que é? Quando foi escrito? Quem escreveu? Por que escreveu? Para quem foi escrito? Em que condições foi escrito? Quem reuniu os escritos de Sepp e publicou? Quem traduziu? Qual editora publicou a obra em português e em que ano? Essas questões servem de guia para investigar o legado missionário e repensar as Missões Jesuíticas nessa fronteira como um dos grandes temas da América colonial, especialmente os Sete Povos das Missões, procurando possíveis ligações com a ocupação territorial posterior nessa região. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo e histórico sob o olhar do Pe Antônio Sepp, jesuíta que participou, dando os melhores anos de sua vida num projeto que ultrapassou o imediato. Além das cartas de Sepp, serão usadas outras fontes para construir um melhor cenário. A forma de ocupação coletiva da terra ali desenvolvida conseguia atender as necessidades básicas dos aldeamentos e a redução de São João Batista, da qual Pe Antônio Sepp foi protagonista, serve de linha central. Os resultados ainda são provisórios, mas tudo indica que existe uma forte relação da experiência dos Sete Povos com o processo que se desenrolou na sequência com a ocupação territorial e os movimentos populares, ocorridos nos séculos seguintes.

Palavras-chave: Sete Povos das Missões; História agrária; Movimentos populares.

Resumen

El objetivo de este artículo es problematizar los escritos del padre Antonio Sepp y su obra, buscando contextualizarlos para realizar una crítica documental. La propuesta se orienta por algunas preguntas. ¿De qué se trata? ¿Cuándo fue escrito? ¿Quién lo escribió? ¿Por qué se escribió? ¿Para quién se escribió? ¿En qué condiciones se escribió? ¿Quién recopiló y publicó los escritos de Sepp? ¿Quién lo tradujo? ¿Qué editorial publicó la obra en portugués y en qué año? Estas preguntas sirven de guía para investigar el legado misionero y repensar las Misiones Jesuíticas en esta frontera como uno de los grandes temas de la América colonial, especialmente los Siete Pueblos de las Misiones, buscando posibles vínculos con la posterior ocupación territorial de esta región. Se trata de una investigación bibliográfica de carácter descriptivo e histórico desde el punto de vista del P. Antonio Sepp, jesuita que participó dando los mejores años de su vida a un proyecto que iba más allá de lo inmediato. Además de las cartas de Sepp, se utilizarán otras fuentes para construir una mejor

imagen. La forma de ocupación colectiva de la tierra que allí se desarrolló fue capaz de satisfacer las necesidades básicas de las aldeas y la reducción de São João Batista, de la que el P. Antônio Sepp fue protagonista, sirve de eje. Los resultados son aún provisionales, pero todo indica que existe una fuerte relación entre la experiencia de Sete Povos y el proceso que se desarrolló posteriormente con la ocupación territorial y los movimientos populares que tuvieron lugar en los siglos siguientes.

Palabras clave: Siete Pueblos de las Misiones; Historia agraria; Movimientos populares.

Uma pesquisa que pretende analisar o processo de ocupação territorial da região herdeira dos Sete Povos das Missões do Rio Grande do Sul não pode ignorar a experiência dos Jesuítas, guaranis e outros povos originários dos séculos XVII e XVIII. Isso porque, repensar esse período, as Missões Jesuítas e suas fronteiras, significa passar por dois grandes temas da América Colonial na qual jesuítas e guaranis aparecem como personagens.

O Padre Antônio Sepp foi um desses personagens. Ele deixou importantes documentos escritos. Entre os mais conhecidos estão as “Viagens às Missões Jesuítas e Trabalhos Apostólicos”, constituindo o mais antigo documento sobre as reduções próximas ao rio Uruguai, sobretudo do atual Rio Grande do Sul.

Elaborados na emoção dos acontecimentos, supõe-se que podem trazer maior credibilidade como fonte primária de grande valor histórico. No entanto, é necessária cautela de investigador histórico para perceber até que ponto correspondem à realidade, pois são documentos de um missionário e não sob a visão dos povos originários.

Com essa preocupação inicial foi selecionada a obra na perspectiva de sua problematização, como objeto analítico para descrever, contextualizar e realizar uma crítica documental, orientada através de algumas perguntas: O que é? Quando foi escrito? Quem escreveu? Por que escreveu? Para quem foi escrito? Em que condições foi escrito? Quem reuniu os escritos de Sepp e publicou? Quem traduziu? Qual editora publicou a obra em português e em quê ano?

São algumas questões que servirão de guia para investigar o legado missionário e, ao mesmo tempo, para repensar as Missões Jesuítas nessa fronteira como um dos grandes temas da América colonial, especialmente os Sete Povos das Missões, procurando possíveis ligações com a ocupação territorial posterior nessa região do Rio Grande do Sul.

O tema tem despertado ainda muito interesse, afinal, a experiência das Missões está entre o que de melhor foi feito na América Colonial, ou, como diz o professor José Carlos Radi¹: “de menos pior”. Foi uma experiência histórica que teve um certo fôlego, mas que também carrega as suas

¹ Docente do PPGH da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS, Chapecó-SC).

contradições. No entanto, esse período permitiu o desenvolvimento de uma experiência social, econômica, política e cultural única que deixou marcas não apenas nas pedras das ruínas, mas possivelmente na inspiração de movimentos populares que buscam alternativas diante do processo excludente de ocupação territorial posterior.

Nesse sentido, além da busca de compreender um tempo passado tendo por base principal a análise de uma fonte histórica primária, o objeto desse texto faz alusão e procura afirmar um compromisso com o presente. Existe condições de estabelecer diálogo do legado missionário com o presente? Tudo indica que sim e que a necessidade dessas conexões estão por aí, muitas vezes invisibilizadas pela opressão do processo constituído de apropriação territorial que procurou ao máximo negativizar experiências que não atendessem os interesses da produção, do mercado e do progresso.

As Missões estão dentro de um contexto de construção de fronteiras, mas também como experiência social e econômica importante. A palavra fronteira é necessário compreendê-la na sua historicidade, pois seu sentido muda ao longo do tempo. Como palavra polissêmica, ela é muito mais do que limites e pode ser usada em diversas dimensões. A fronteira espacial, os limites nítidos em forma de Estados, como invenção europeia que se impôs no mundo, é uma categoria nova nessa ponta do mundo. É possível dizer que os portugueses empurraram a fronteira e expulsaram as Missões. Mas será que elas saíram completamente?

As possíveis ligações dos Sete Povos com a ocupação territorial posterior, bem como sua relação com os movimentos populares, aparecem como “pano de fundo” desse artigo que propõe repensar o legado missionário através de uma crítica documental, mesmo passados mais de dois séculos que as chamas manchavam de picumã as pedras daquela sociedade. O texto inicia com um breve contexto histórico e cultural dos Sete Povos das Missões, em seguida realiza a análise documental das “Viagens às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos”, para finalizar na redução de São João Batista, coordenada por Antônio Sepp.

Crítica documental: viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos

O Padre Antônio Sepp viveu entre os anos de 1655 a 1733. Foi um jesuíta que deixou um extraordinário material escrito, quando o território do atual Rio Grande do Sul pertencia ainda à Coroa espanhola. Trata-se, portanto, de uma fonte de grande valor histórico sobre as reduções dos Sete Povos e será considerada aqui não apenas sob o ponto de vista político, econômico e social, mas especialmente como fonte primária de pesquisa histórica.

O que é? O Livro *Viagens às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos* é formado basicamente por duas partes. A primeira parte trata das *Viagem às Missões Jesuíticas* e são cartas escritas pelo padre Antônio Sepp. A “*Viagem*”, como ficou popularmente conhecida, é o mais antigo documento escrito sobre as reduções do rio Uruguai, e sobretudo, da maior parte do atual Rio Grande do Sul. A segunda parte *Trabalhos apostólicos* também são cartas, mas escritas um pouco mais tarde. Ficaram mais conhecidos como “*Trabalhos*” e formam, portanto, o segundo mais antigo documento escrito dessa região.

Quando foi escrito? A “*Viagem*” foi escrita em 1691 e publicado em 1698 com apenas cinco exemplares, sendo um deles utilizado por Harnisch para introduzir a edição de 1972, uma verdadeira raridade; assim como os “*Trabalhos*” escritos sobre o período de 1693 a 1701 e editados em 1710, trazem valiosas informações ao ofício do historiador.

Quem escreveu? A “*Viagem*” e dos “*Trabalhos*” foram escritas pelo Pe Antônio Sepp no período em que esteve testemunhando e cumprindo sua missão como um jesuíta dedicado aos princípios jurados em seu ingresso na Ordem. A obra também é atribuída autoria ao Jesuíta Pe. Antônio Adão Böhn, da Baviera, “fiel escudeiro” e “caríssimo companheiro” de Sepp. Sepp e Böhn (1972, p.86) carregavam fé inabalável e incondicional que o “Deus misericordioso, pela intercessão de cara Mãe de Alt-Oettingen, converterá, para muito breve, todo este país para a fé cristã”. Os missionários consideravam os povos originários bárbaros e sem fé. Sepp era devoto de Nossa Senhora de Alt-Oettingen, a Virgem Negra do Tirol, imagem que carregava e, junto com Böhn, havia feito centenas de argila, quando estavam em Sevilha e Cádiz, se preparando para a viagem.

Por que escreveu? Harnisch deduz que a intenção principal do autor não era o desejo de organizar documentos, mas antes ansiava relatar aos seus irmãos carnis e da Ordem tudo o que estava vendo e vivendo. Por isso, a utilização da linguagem que revela um homem íntegro, inclusive na sua alegria imperturbável, cheio de humor, no serviço dedicado a Deus.

As descrições do Pe. Sepp distinguem-se por sua extrema fidelidade, e foram narradas em tal tom e tal estilo, que sua credibilidade subjetiva e objetiva salta logo aos olhos. Pela maneira de serem dispostas, deduz-se claramente que o autor de modo algum pretendia organizar documentos, antes só desejava contar aos seus, aos irmãos carnis, aos irmãos de Ordem, tudo o que vira e por que passara (HARNISCH, 1972, p.L-LI²).

Para quem foi escrito? Quem reuniu os escritos de Sepp e publicou? Segundo Harnisch (1972, p. XLVII) as primeiras cartas da “*Viagem*” foram destinadas em sua maioria ao irmão

² A introdução paginada em algarismos romanos será mantida.

Gabriel Sepp von und zu Recheegg, que mandou publicar, de início, cinco delas. Outras, foram enviadas para irmãos da Ordem, com o Pe. Alfons e anexadas.

Segundo Harnisch (1972, p.LI) tanto historiadores espanhóis, como portugueses utilizaram pouco os escritos do Pe Sepp que descreve esse ambiente, antes dos portugueses se estabelecer no Forte Jesus-Maria-José (1737), hoje município de Rio Grande (RS). Coube ao Sr. Wolfgang Hoffmann Harnisch preparar essa edição de 1972, a qual fez a introdução.

Quem traduziu? A tradução da “*Viagem*” para o português foi realizada A. Reymundo Schneider, amigo pessoal de Harnisch, do texto original em alemão barroco e latim litúrgico, línguas pouco usadas, enquanto os “*Trabalhos*” foram traduzidos do latim para o português pelos estudantes da Companhia de Jesus em Pareci (Rio Grande do Sul).

Qual editora publicou a obra em português e em quê ano? A primeira publicação em português foi realizada pela Livraria Martins Editora de São Paulo, em 1943. A obra, utilizada para esse artigo é de 1972, republicada pela mesma livraria, através da editora da Universidade de São Paulo, em comemoração ao sesquicentenário da Independência do Brasil.

Em que condições foi escrito? A obra foi escrita no final do século XVII e início do XVIII numa época em que o trabalho dos jesuítas contavam com o apoio da Coroa espanhola, sobre um território disputado pelos portugueses. As *Cartas* e os *Trabalhos* revelam a ação incondicional dessa Ordem de seguir a missão de conquistar novas almas à fé cristã.

Num primeiro momento parece que o fator religioso fica em evidência. No entanto, sob um ponto de vista mais crítico, não é difícil perceber outras intenções, como a política da Coroa espanhola preocupada em garantir esse território nas definições das fronteiras. Para isso precisamos compreender brevemente o contexto dos Sete Povos das Missões.

Os Sete Povos das Missões: breve contexto

As Ruínas de São Miguel, localizadas na região das Missões no Estado do Rio Grande do Sul, simbolizam não apenas um dos fenômenos sociais mais importantes da humanidade, mas também uma possível fonte de inspiração de diversos movimentos populares que continuam lutando por justiça e pelo acesso à terra. Qualquer viajante que atravessava o território dos Sete Povos das Missões se surpreendia pela organização coletiva, garantida pela vida digna a todos/as missionários/as, na época em que suas construções estavam em pé.

Nesse local ocorreu uma história muito interessante da experiência humana na Terra. Na primeira metade do século XVIII, as cidades mais desenvolvidas de todo o Continente de São Pedro

do Rio Grande do Sul³ não estavam no litoral, mas no interior. A maior, a mais bela e fantástica de todas, sem dúvida, era São Miguel Arcanjo com sua majestosa igreja. Isso tudo coordenado por dois padres, auxiliados pelos caciques.

Os Sete Povos faziam parte de um conjunto maior de missões organizadas pelos jesuítas e guaranis⁴ em torno da bacia do Prata, especialmente próximo do Rio Paraná e do Rio Uruguai, localizada no sul da América do Sul, dentro do período “Colonial”.

Embora o território que hoje forma o Rio Grande do Sul pertencia à Espanha, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, essa área foi palco de constantes disputas entre portugueses e espanhóis. A configuração dessas fronteiras na América do Sul teria sua melhor definição a partir do Tratado de Madri em 1750. Esse acordo determinou que a área dos Sete Povos, passaria ao império português, em troca da Colônia de Sacramento. Antes disso, a região foi palco da Companhia de Jesus, cujos membros eram os jesuítas.

Durante mais de 150 anos, de 1609 a 1768, existiu em nosso continente uma obra singular e admirável, bem diversa de qualquer outra registrada pela história política e sociológica. Foi o chamado “Estado jesuítico do Paraguai”, ou melhor, o “Reino teocrático jesuítico-indígena junto ao Paraná e ao Uruguai”, uma das mais raras vitórias do espírito humanitário... (HARNISCH, 1972, p.XVIII).

Quem eram os jesuítas? A Ordem dos Jesuítas, fundada por Inácio de Loyola, consistia numa organização cristã-militar, a serviço do Papa, para conter o avanço Protestante⁵. Para entrar na Ordem deveria possuir, segundo Harnisch (1972, p.XIX), “saúde física, talento, firmeza de caráter, pureza de costumes, inteiro desprendimento interior de todos os desejos terrenos, domínio das paixões baixas e dedicação inflamada ao Filho de Deus feito homem”. Era exigido um rigoroso preparo para purificar o espírito, libertando, segundo Harnisch (1972, p.XIX), “todas as energias da inteligência e da vontade para a grande missão”.

Fortalecidos física e espiritualmente os jesuítas, a partir de 1586, lançam-se na tarefa de conquistar novas almas ao cristianismo no “novo mundo”⁶. Foi apenas pelo ano de 1607 que se adotou o sistema de reduções ou missões, como ocorreu nos Sete Povos.

Em 1626 o Pe. Roque Gonzáles atravessou o rio Uruguai, batizou em torno de 10.000 índios na fundação de Caaró e outros aldeamentos, no atual Estado do Rio Grande do Sul. Mesmo com a

³ Assim era conhecido o Estado do Rio Grande do Sul para Érico Veríssimo, na época.

⁴ Não só os guaranis habitavam o território hoje pertencente ao Rio Grande do Sul, mas também outros grupos de povos originários. Ver mais em Revista Sepé Tiaraju: 250 anos depois..., 2006, p.5 (planob@hotmail.com).

⁵ Reforma Protestante: movimento que quebrou a unidade católica durante o século XVI.

⁶ Expressão referente ao continente americano: novo mundo, enquanto a Europa formava o velho mundo.

morte deste jesuíta em 1628, diante da resistência do cacique Nhessu⁷ e seu grupo, a fundação de novos aldeamentos continuou crescendo, até a chegada dos bandeirantes.

Os bandeirantes⁸ paulistas representavam um grande perigo para as reduções jesuíticas. Eles procuravam pedras preciosas e indígenas para escravizar.

Já no ano de 1628, começam os mamelucos as caças sistemáticas de indígenas. Às horas caladas de noite, e no momento da celebração do ofício, os paulistas, que os arcabuzes tornam invencíveis, assaltam os aldeamentos, põem fogo nas casas e igrejas, recolhem o gado e transformam os moradores – homens, mulheres e crianças – em escravos (HARNISCH, 1972, p.XXII).

Com os bandeirantes as missões não conseguiram obter o resultado esperado, durante a primeira fase. A situação, porém, começa a mudar em 1639, quando a Espanha permite o uso de armas de fogo pelos missionários. Espingardas e espadas são compradas e mais tarde eles mesmos fabricam. Até canhão feito com taquaruçu, revestido de couro de boi, serviu para vencer os bandeirantes, na batalha de M'bororé⁹. Os paulistas, derrotados, não importunaram mais e as reduções conheceriam sua época de glória.

Foi de 1690 a 1750 a fase principal dos jesuítas e guaranis, com suas missões, em terras sul-americanas. O Pe. Antônio Sepp transforma-se num personagem importante no apogeu das Missões que atingem o total de 30 reduções, sendo 15 na Argentina, 8 no Paraguai e 7 no Rio Grande do Sul, que abrangiam:

Todo o sul da atual República do Paraguai, as atuais Províncias de Corrientes e Misiones e toda a parte oeste, Sul e Norte do atual Estado do Rio Grande do Sul, sendo o centro deste Estado constituído pelos Sete Povos, chamado Missões (Harnisch, 1972, p.XXIII).

Segundo Harnisch (1972, p.XV) as reduções representam um “caso único de uma organização que se mostrou capaz de garantir a subsistência dos indígenas americanos”. Realizou-se um trabalho econômico antes nunca visto nestas terras, pois, ao lado das estâncias, onde eram criados cerca de um milhão de cabeças de gado, existiam as plantações de frutas, cereais, mandioca, batata e erva-mate. A produção pertencia à comunidade, sendo seus resultados repartidos solidariamente, afastando a ameaça da fome. O organismo coletivo cuidava das necessidades gerais

⁷ Ver mais sobre cacique Nheçu em Nedel, Rui. **Esta terra teve dono**. Porto Alegre, Tchê!, 1984.

⁸ “Ondas bandeirantes solapavam as terras do sul, sem outro sentimento a não ser o do interesse comercial, que degenerava para as represálias e o esmagamento...” (CHRISTENSEN, 2001, p.61).

⁹ “Em março de 1641, quando não fora ainda possível obter fuzis senão para 300 guaranis e só possuía um único canhão, o exército das reduções teve de enfrentar os mamelucos na batalha do M'bororé” (LUGON, 1976, p.61).

da comunidade, não abandonando órfãos e viúvas. Clóvis Lugon¹⁰ classifica de comunista e Décio Freitas¹¹ de socialismo missionário.

Para Harnisch (1972, p. XXIV) “as reduções faziam parte integrante do domínio colonial espanhol, de, viam-se obrigados aos serviços de guerra e aos impostos, sendo visitados regularmente pelos governadores”. Longe, portanto, de ser um Estado autônomo, faziam parte do império espanhol que permitiu o trabalho dos jesuítas e guaranis por um tempo. Trabalho missionário como do padre Antônio Sepp, que vamos ver agora.

O Padre Antônio Sepp e seus escritos

O Padre Jesuíta Antônio Sepp von Rechegg entra na cota austríaca. Nasceu no ano de 1655 em Kaltern, no vale do Etsch, no Tirol e com 19 anos entrou para a Companhia de Jesus. Aos 36 anos, em 1691, parte à América junto com outros quarenta e quatro missionários, entre espanhóis, italianos, neerlandeses, sicilianos, sardos, genoveses, milaneses, romanos, boêmios e austríacos, como Sepp e seu “fiel escudeiro” Antônio Adão Böhn da Baviera.

PARTE I - capítulo I (p.58-64) refere-se à **Primeira Carta** é datada do Paraguai, da cidade de Buenos Aires, no rio Paraná, na América, em 15 de abril, festa da Santa Páscoa, do ano de 1691. Sepp (1972, p. 60) declara: “Depois que nos fizemos ao mar em Cádiz, no dia 17 de janeiro, dia de Santo Antonio, entramos a toda vela em Buenos Aires, no dia 6 de abril, numa sexta-feira santa”, completando 81 dias de viagem.

Nessa carta Sepp demonstra sua primeira impressão dos povos originários integrantes das Missões. “São estes paraguaios cristãos muito bons e piedosos, a ninguém submissos a não ser aos nossos Padres, amando-nos assim como o filho ama ao pai. Somos nós que os vestimos, instruímos e educamos” (Sepp, 1972, p.64). Depois de alguns dias, em 1º de maio, partiram com mais vinte padres para as reduções no interior do Paraguai.

Os capítulos II (p.65-71), **III** (p.72-81), **IV** (p.82-94) e **V** (p.95-98) referem-se à **Segunda Carta**, escrita na redução de Yapejú, em 24 de junho de 1692. É um relato da viagem da Europa até a América do Sul, separados por meses desde a preparação e saída em janeiro (cap. II), seguido pelos relatos de fevereiro (cap. III), março (cap. IV) e abril (cap. V), marcando a chegada em Buenos Aires.

Os missionários se surpreendem com as diferenças no hemisfério sul. Afirma Sepp (1972,

¹⁰ LUGON, Clóvis. A República “Comunista” Cristã dos Guaranis: 1610/1768; tradução de Álvaro Cabral, prefácio de Henri-Charles Desroches. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

¹¹ FREITAS, Décio. O Socialismo Missionário. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1982.

p.80) “O vento norte gélido da Europa é aqui bem morno. Tudo às avessas”. Passando por Pernambuco, no dia 02 de março, Sepp lembra do Colégio onde vive o Padre Antônio Vieira, que se dedica a “escrever livros e a converter os indígenas antropófagos e bárbaros do Brasil” (1972, p.82), deixando sua imagem dos povos originários. Relata que o navio, também era ocupado por pessoas negras, “cabeças duras e encarapinhadas e rosto fuliginoso”.

Pela tarde a maruja realizou uma dança, muito jocosa de ver-se: um marinheiro batia o tambor com uma mão e ao mesmo tempo tocava um pífanom dom três aberturas. Durante a dança, abutres e aves de rapina evoluíam em torno do navio. [...] À noite, dei nova instrução na doutrina cristã às mães negras e seus filhos. Os pais destas crianças, que estão entre os meus trombetas aprendem dia a dia melhor a tocar seus instrumentos; sim, aos poucos até o trilho lhes entrou nas cabeças duras e encarapinhadas, que ostentam beiços vermelhos e dentes brancos no meio do rosto fuliginoso (SEPP, 1972, p. 88).

Chegando na foz do Prata e mais próximo de Buenos Aires Seep (1972, p.90) exclama sobre o rio da Prata “corressem todos os poços, arroios, lagos e rios da Europa para um só lugar, por certo não alcançaria a largura deste rio”.

O capítulo VI (p. 99-116) é um novo diário contendo a descrição da viagem de navio, que o Pe. Sepp encetou de Buenos Aires, em 01 de maio de 1691, para alcançar as reduções dos índios, duzentas milhas rio acima, chamado Uruguai. Escreve antes um pouco sobre Buenos Aires que era para Sepp (1972, p.100) “uma cidadezinha pequenina, constituída só de duas ruas, abertas em encruzilhada”. Sepp (1972, p.101) declara que a cidade e o grande território são protegidos por apenas “novecentos soldados espanhóis. Mas se surgisse algum perigo, poríamos imediatamente a caminho mais de 30 mil índios de nossas reduções, aliás todos a cavalo, e estes sabem muito bem lidar com mosquetões e manejar a espada...”. Não deixando dúvida de que as reduções faziam parte do Império Espanhol.

O documento relata a presença de escravos negros no colégio jesuíta.

Um negro, preto como carvão, levou-me à mata de figueiras, trepou nas árvores, colheu as frutas e mas dava. Como ficou ele admirado em me ver comendo tão prazerosamente e quanto me apeteciam s frutas que me eram servidas por suas mãos pretas... Era esse negro um servo batizado no Colégio. É bem sabido como costumam ser tratados os escravos (SEPP, 1972, p.102).

Pe. Sepp (p.106) declara que os padres foram enviados “para os aldeamentos indígenas, que, seguindo o curso do Paraná e Uruguai acima, ficam mais para o interior do país”. O trajeto foi realizado com uma espécie de canoa grande, remada por 24 homens rio acima. Foram oito dias para deixar o rio da Prata e iniciar a subida pelo rio Uruguai. “Pensávamos estar navegando num outro

paraíso” afirma Sepp (1972, p.108), descrevendo como a pesca fornecia parte da alimentação, pois “a água chega a formigar de tanto peixe”.

Nessa viagem Sepp (p.110) também demonstra sua percepção dos povos originários. “Um bando de bárbaros selvagens veio correndo em direção as nossas embarcações”. Trocaram vinte cavalos por um alfinete, uma faca, um pouco de fumo, pão e um anzol. O missionário classifica esse grupo como “bárbaros, selvagens e primitivos”.

Sepp se pronuncia também sobre uma parte da cultura espiritual dos Yaros. Sepp (1972, p.110) descreve sobre a magia e feitiçaria: de todos “os pagãos são eles os mais audazes e robustos, os mais pugnazes e os mais afeitos à magia”. Alguns tinham tatuagem, que o missionário identifica não como sinais de Deus, mas marcas do demônio.

Pe. Sepp também não compreende a cultura dos povos Yaros. Um fato mostra a sua concepção sobre as mulheres Yaros, da qual o missionário tentou comprar dois de seus filhos, em troca de agulhas e anzóis, sem sucesso. Sobre essas mulheres Padre Sepp (1972, p.111) revela: “quando virdes pintada a imagem duma Fúria infernal, ou dum fantasma, duma medusa ou megera, então tereis visto uma mulher indígena dos Yaros! O cabelo é preto e desgrenhado, amarrado como se foram serpentes”.

Não deitam seus filhinhos no berço mas o envolvem numa feroz pele de tigre. Também os desmamam bem cedo e, em vez de leite, dão-lhes longas tiras de carne crua, da qual essas criaturinhas inocentes chupam o sangue. O’ vós, meus gentis e queridos anjinhos europeus! Quanto melhor é o leite, que sugais do seio de vossas mães! Estas mulheres aqui são antes tigres sanguinários, verdadeiras megeras e fúrias infernais, do que mães (SEPP. 1972, p.111).

Por outro lado, Sepp (p.114) observa, admirado, a agilidade dos índios em atividades como capturar uma rez e abatê-la para assar: “impossível de dizer-se com que perícia e rapidez os índios pegam uma rez, derrubam-na, tiram-lhe o couro e esquartejam-na”.

O capítulo VII (p. 117-129) relata de como os Rev. Padres Antônio Sepp e Antônio Böhn S.J. chegam à primeira redução indígena de “Yapejú” e qual o trabalho que aí realizam.

No rio Uruguai, Sepp afirma que em suas margens estão 14 das reduções jesuíticas. A primeira, para quem sobe o rio, é Yapejú, destino inicial de Sepp. Havia sido fundada por Pe. Roque Gonzáles à margem direita do rio Uruguai, mas com campos do lado esquerdo, sendo a mais povoada. Nela, Pe. Sepp chegou em 2 de junho de 1691, um mês de viagem desde Buenos Aires, dedicando-se logo a apreender o guarani, pois segundo Sepp (p.121) “em todas as reduções, porém, há uma só língua, o Guarani”.

A palavra redução é explicada por Sepp (p.121) “assim chamadas porque todos esses índios são por nós *reduciret* (conduzidos) à fé cristã”. Nelas, os missionários desempenham diversas funções. Como diz Sepp (p.122) “o padre precisa ser tudo a todos! Precisa ser: cozinheiro, dispenseiro, comprador e gastador, enfermeiro, médico, arquiteto, jardineiro, tecelão, ferreiro, pintor, moleiro, pedreiro, escrivão, carpinteiro, louceiro, oleiro e tudo quanto pode haver ainda de funções numa república bem organizada, numa comunidade...”.

O capítulo VIII (p. 130-154) explica como estão organizadas as aldeias dos índios convertidos. Nela Sepp se surpreende e salienta o hábito do índio de fazer o churrasco.

De espeto de assar serve a primeira vara que cai na mão. Nela espetam a carne, que começam a devorar, enquanto está assando do outro lado [...] Outros índios, que nem para isso tem paciência, pegam um pedaço de carne, passam-na três vezes na fumaça e pelas chamas e enfiam-na logo na boca. E como a carne é succulenta, o sangue lhes escorre de todos os lados pelo focinho abaixo, e isto lhes é o suprasumum do gostoso (SEPP, 1972, p.131).

Destaca também como eram simples as casas dos índios com a porta sempre aberta.

Aí dentro dormem pai e mãe, irmão e irmã, filhos e netos, quatro cachorros e três gatos, e maior número ainda de camondongos e ratos, e pululam os grilos e certos coleópteros, que no Tirol se chamam baratas e miriápodes. É fácil de adivinhar o cheiro insuportável que tudo isso emana, numa choupana tão apertada, baixa e pequena (SEPP, 1972, p.131).

Outro fato que gerava surpresa era como os índios enfrentavam a morte. Segundo Sepp (p.131) “vi na Europa morrer muita gente, mesmo religiosos, - mas muito pouco como estes! Não é possível descrever com quanta paz, com quanta serenidade de consciência, com quanta modéstia de corpo e alma estes indígenas se despedem da vida”. No leito de morte, continua o autor (p.131), “não o incomodam dinheiro ou bens, que precisam abandonar, porque tudo quanto possui é um porongo oco”.

A igreja de cada redução era um espaço distinto. De acordo com Sepp (p.133) “cada aldeia tem uma linda igreja, uma torre com quatro ou cinco sinos, um ou dois órgãos, um altar-moricamente dourado, dois ou três altares laterais, um púlpito inteiramente dourado”.

A música, nesse ambiente, recebia um tratamento cuidadoso, tanto que Pe Sepp, já em Yapejú, começou a ensinar. Sepp (p.137) declara que “de todos os pontos cardeais e de mais de cem milhas os missionários me mandam os seus músicos, para que os instrua nesta arte, que lhes é completamente nova, e que difere da velha música espanhola”.

Os índios eram hábeis na fabricação de instrumentos musicais, quando disponível um

modelo. Certa vez, afirma o autor (p.143) “temos dois órgãos, um dos quais trazido da Europa, ao passo que o outro foi feito pelos índios, e tão semelhantes, que a princípio eu mesmo me enganei e levei o órgão indígena por conta do europeu”.

Yapejú era uma linda redução.

Pelo meio-dia, à tardinha e à meia-noite, não se vê da minha aldeia outra coisa senão um campo infinitamente extenso, bem liso e plano, sobre o qual rebanhos incontáveis de gado pastam o capim verde. Não temos estrebarias, mas deixamos o gado, inverno e verão, dia e noite, no campo, tão pouco ceifamos e não fazemos feno, mas o capim de quase um côvado serve o ano todo de pastagem. Também não precisamos de pastores ou guardas, porque aqui não há ladrões (SEPP, 1972, p.139).

A pecuária adaptou-se muito bem na região, sendo criada aos milhares. De acordo com Sepp (p.141) “há tantos bois, vacas, carneiros e cavalos em nossos campos, que tu em muitos lugares nada mais vês, de tanto gado gordo e bonito”. Estes animais, contudo, não possuem um valor alto em dinheiro, sendo que por um canivete podem-se obter dois lindos cavalos.

Há pouco, minha aldeia saiu campo afora para arranjar vacas para a alimentação diária deste ano. Em dois meses reuniram 50.000 vacas e as trouxeram para meu aldeamento. Tivesse eu mandado, eles também teriam trazido 70, 80, ou até 90.000 (SEPP, 1972, p.142).

O comércio entre índios e espanhóis era na base da troca. Para Sepp (p.142) “quando os índios compram algo dos espanhóis, fazem-no em troca de mercadorias, não passando de mero negócio das selvas ou puro negócio de troca de mercadorias, distando muito e muito do verdadeiro comércio de compra e venda”.

Segundo Sepp (p.148) “também não nos faltam galinhas, leitões, carneiros, ovelhas, cabras. A aldeia de São Tomé já há anos contava com mais de 40.000 ovelhas”.

A fertilidade da terra é muito boa e o cereal mais cultivado é o milho, que eles fazem uma espécie de polenta. Para Sepp (p.148) “aqui dá aos montes. Dele os índios fazem farinha, não do moinho, porque eles não têm moinhos, mas socam-no num morteiro de madeira. Desta farinha fazem na água ou com carne, mas sempre sem sal, uma espécie de mingau, fazem também certas tortas, que deitam nas brasas e deixam fritar e as comem em vez de pão”.

Relata e não consegue compreender também alguns hábitos dos índios em relação ao trabalho ou ao futuro. Para Sepp (p.149) “nós não conseguimos fazer com que os índios, em sua pura preguiça, semeiem mais de uma ou duas rocinhas de 18 passos de grão turco¹². E mesmo isto

¹² Grão turco é entendido como sendo milho americano.

só conseguimos com tundas”. Em seguida Sepp completa (p.149) “ainda domingo passado tornou-se absolutamente necessário passar uma sova em alguns índios que não haviam amanhado a terra e nem haviam procurado encontrar o arado”.

Para Sepp (p.150) os índios “não têm a mínima preocupação com o dia de amanhã”, e para obter melhor resultado até castigos pessoais são usados. E continua o autor (p.151) “não dariam conta deste pedacinho de roça, deste punhado de terra, se o padre não apertasse o agricultor preguiçoso com sovas e inspeções incessantes”.

Certa vez, afirma Sepp (p.151), um padre, depois de dar uma junta de bois e as sementes aos agricultores, foi inspecionar o trabalho. Ficou surpreso quando um deles, com esposa e filhos, haviam almoçado um boi inteiro e feito o fogo com o próprio arado. Sem os olhos do padre pouco funcionava bem. Para Sepp (p.152) “os índios deixam, por pura preguiça, estragar as espigas de milho maduras e amarelas, se os padres não o ameaçam expressamente com 24 pancadas de sova como castigo”.

No ano de 1691 haviam 26 reduções de três a seis mil pessoas cada, administrada por apenas dois padres. As atividades dos padres eram várias e, para Sepp (p.154) “mesmo oito ou mais padres teriam com que fazer”. Entre elas podemos citar: receber as confissões, distribuir comunhão, batizar as crianças, administrar aos moribundos a Extrema Unção, enterrar os mortos, realizar os matrimônios, ensinar a doutrina cristã diariamente, recitar o terço com os adultos, fazer sermão todos os domingos e dias santos, cantar na missa e até ser o sacristão. Além das atividades espirituais, os padres possuíam também as atividades econômicas, para administrar os bens terrenos dos índios.

O capítulo IX (p.155-158) trata da ordem do dia dos missionários, demonstrando as diversas obrigações diárias numa redução, suas atribuições e compromissos. Uma delas estava voltada à educação na escola, direcionada aos meninos para ler e escrever. Segundo Sepp (p.155) “Após a visita aos doentes visito nossas oficinas. Primeiramente vou ter com os petizes indígenas na escola, que aprender a ler e escrever. As meninas, em vez disso, aprendem tecer, bordar e costurar”.

PARTE II – TRABALHOS APOSTÓLICOS – Que passou o Pe Antônio Sepp no Paraguai do ano de 1693 até 1701. Ingolstadt, as expensas de João André de La Haye, livreiro acadêmico. Tipos de Tomaz Grass, tipografia acadêmica. Ano de 1710.

O capítulo I (p.167-169) relata brevemente a morte do Pe. Antônio Böhn no dia 10 de maio de 1695 e como sua missão de Los Yaros, foi impedida por um feiticeiro sexagenário.

Sepp (p.168) descreve sobre os Yaros (tcharos) e seu famoso “mestre de arte mágica e cruel

discípulo do gênio negro, tirano e régulo”, chamado Moreyra. Este homem, segue Sepp (p.168) “laureado doutor na Escola de Lúcifer”, frustrava todo o trabalho do Pe. Antônio Böhn, em fazer uma redução com eles, fraudando a interpretação da doutrina dos padres. Como essa língua ainda era desconhecida precisavam de um intérprete, função desempenhada espontaneamente por Moreyra, mas sem lealdade. Traduzia Moreyra aos seus dizendo:

Os presentes dos padres, como são facas, alfinetes, anzóis, e outros, que tais brinquedos e atrativos de crianças e meninos, os quais eles com larga mão distribuem aos pobres, na verdade eram engodos e cadeias de escravos, com que os queriam entregar amarrados em escravidão perpétua aos governadores espanhóis (SEPP, 1972, p.169).

Vendo a inutilidade em continuar, a missão não teve sucesso e foi dissolvida.

O capítulo II (p.170-173) relata a conversão de Moreyra, o famoso feiticeiro dos Yaros, e seu filho que vieram se aproximando de Yapejú atrás de fumo, sal e erva. Sepp prende-os a ferros e estes para evitar maiores sofrimentos convertem-se.

O capítulo III (p.174-175) descreve como Sepp trouxe à fé católica também a idosa mulher de Moreyra. Usando da mesma estratégia, ofereceu erva e fumo. Sem demora ela apareceu na missão, recebendo uma das casas. Sepp (p.175) relata assim aos novos membros: “hei de vos fazer homens, civilizados, humanos e cristãos”.

O capítulo IV (p.176-182) narra a conversão de uma índia, namorada do filho de Moreyra, exemplo raro de como ela, para abraçar a fé, se esconde num charco. A menina teve que se esconder, porque fugiu do antigo grupo e foi acolhida na missão.

O capítulo V (p.183-184) relata o batizado do neto do feiticeiro Moreyra, que recebe o nome de Inácio.

No capítulo VI (p. 185-186) Pe. Sepp é mandado para outra redução, chamada Nossa Senhora da Fé e recebe ordem do Pe. Provincial para fazer um órgão do tipo europeu.

No capítulo VII (p.187-189) trata do ano de 1695 quando grassa uma peste terrível no Paraguai. O Pe. Sepp se dedica aos empestados da redução da Nossa Senhora da Fé, situada às margens do rio Paraná. Harnisch (p.189) em nota de rodapé, explica que era a varíola, mais terrível aos povos originários da América do que aguardente, armas de fogo e a escravidão.

Capítulo VIII (p.190-191) relata o estranho método da sangria usados pelos índios na época da peste, em que não se ouviam “suspiros ou lamentações”.

Capítulo IX (p.192-193) no qual edificam-se hospitais para acolher os contaminados improvisado onde se fabricavam, conforme Sepp (p.192) “telhas e tijolos”. Nela, estavam dispostas

redes, muito comum entre os indígenas.

Capítulo X (p.194-196) Pe. Sepp aplica aos enfermos remédios inventados pela indústria religiosa. Segundo Sepp (p.195) um “remédio muito eficiente e quase único era água fresca misturada com suco de limão e mel”. Mesmo assim, continua o autor que “a epidemia amontoou no cemitério para além de mil habitantes só deste povoado”.

Capítulo XI (p.197-203) Nossa Senhora de Oettingen concede favores aos índios. À virgem é atribuído vários milagres de cura, além de livrar a ferrugem da lavoura de trigo.

Capítulo XII (204-205) O Pe Sepp trata os empestados da redução de Santo Inácio, distante duas léguas da Nossa Senhora da Fé.

Capítulo XIII (p. 206-207) adoece o Pe Sepp e é enviado do rio Paraná ao rio Uruguai na redução de São Francisco Xavier, para recuperar a antiga saúde.

Capítulo XIV (p.208-209) 1697 Pe Sepp é enviado para o povoado de São Miguel e fundar a redução de São João Batista, entrando no atual território do Rio Grande do Sul.

A fundação de São João Batista

Antônio Sepp seguiu para São Miguel em 1697, a maior de todas as reduções. Nesta época, a catedral de Prímoli ainda não estava construída, fato que começa dois anos depois da morte do Pe. Sepp, ou seja, entre os anos de 1735 e 1744. São Miguel contava com mais de 6.000 almas. Sepp (p.208) declara que foi “encarregado, pelo R. Pe. Provincial, Pe. Simão de León, de dividir esta grande Redução”.

Com os caciques e missionários assim Sepp (p.209) declara: “reunidos os índios principais, expus-lhes o pensamento do R. Pe. Provincial: a saber, que se devia dividir a povoação por causa do grande número de habitantes, os quais já nem a igreja comportava”.

Capítulo XV (p.210) Vinte e um caciques agregaram-se ao Pe. Sepp. Pela recepção favorável dos índios este era um problema que necessitava solução. Declara o Pe. Sepp (p. 200): “vinte e um caciques com suas 750 famílias se associaram a mim”.

Capítulo XVI (p. 211-212) Sepp parte a cavalo para explorar a terra e fundar a nova colônia no dia 13 de setembro de 1697, junto com dois padres e os caciques principais.

Depois de termos andado por um dia inteiro, afinal, pelo entardecer, se nos abriu suavemente a terra, em leve declive ao pé de um outeiro cercado de ameníssimos bosques. Nestes, abundava madeira, necessária não só para o combustível, como também para construir as casas dos índios, a igreja e a minha moradia (SEPP, 1972, p.211).

No local, segundo Sepp (p.212) havia “abundância de águas e fontes” e também material necessário para fundar a redução de São João Batista.

Capítulo XVII (p.213) no lugar escolhido é erguido o estandarte da cruz.

Capítulo XVIII (p. 214-216) Sepp orienta os índios para o amanho das novas terras e a derrubada das matas. A obra tem início e Sepp pede para cada cacique, com seus índios e bois do arado, enxada e machado para começar o cultivo da terra e rachar lenha. Sepp (p.215) levou “trezentos pares ou juntas de bois, para sulcar e abrir novas terras; e o que mais me fora necessário eram as mencionadas enxadas e machados, mas, para 750 servos apenas, contava eu 100 enxadas, devido à indizível falta de ferro”. Este problema foi resolvido com a descoberta de uma pedra rica em ferro e a habilidade de extraí-lo nos fornos de fundição.

Capítulo XIX (p.217-223) Sepp distribui matas e terras entre os índios. Uma das primeiras atividades, depois de chegados na futura povoação, foi a organização equilibrada do espaço. Para Sepp (p.217) “chegados ao sítio da futura povoação, o primeiro trabalho foi distribuir, proporcionalmente aos membros e números de animais, a cada cacique e família, quintas, terras, montes e matas”. As terras, da nova redução, não eram pequenas. Sepp afirma (p.218) que somente a área das pastagens, onde hoje se nutrem 50.000 vacas, sem contar os carneiros, é vastíssima: “este campo perfaz obra de quatro dias de caminho”.

Capítulo XX (p.224-226) os índios começa a lavrar e semear suas terras, antes de levar as mulheres e crianças para o novo local. A pedido de Sepp (p.225) “cem mil pés” de algodão foram plantados para fazer roupas novas aos transmigrados.

Capítulo XXI (p.227-228) constrói-se às pressas as moradias do missionário, a capela e a palhoça dos índios. Sepp (p.227) afirma sobre sua morada no início: “de palha era o teto, de palha as paredes, de palha também a porta”.

Capítulo XXII (p.229) celebra-se o primeiro natal com presépio na nova redução.

Capítulo XXIII (p. 230-232) surgem novas dificuldades. Pe. Sepp recebe ordem de abandonar a região e recomeçar do outro lado do rio Ijuí a mesma redução, por estar próximo demais de outras. Pe Sepp argumenta para ficar ali, pois caso as reduções sejam atacadas, ficaria mais fácil a defesa. Para Sepp (p.230) “os portugueses habitantes do Brasil guerrearam outrora estes pobres índios e os levaram cativos para o Brasil. Eram além de cem mil homens”. Seria impossível convencer os índios abandonarem estes campos já cultivados. Diante disso, com nova ordem, eles ficaram.

Capítulo XXIV outras reduções contribuem com a nova colônia. Segundo Sepp (p.233) “logo que se propalara pelas demais reduções a notícia de que se devia fundar novo aldeamento acudiram todas, unânimes em vontade e forças”.

Capítulo XXV (p.234-236) planta da futura povoação. Pe. Sepp tira a planta arquitetônica do papel, divide a área, define o local da igreja, das casas, da praça e das ruas.

Capítulo XXVI (p.237) constrói-se o templo de São João Batista com todo o cuidado.

No que toca às colunas, cuidei que primeiro fossem enterradas numa profundidade de oito pés e bem calçadas com pedras, de sorte que depois podiam ser levadas sem susto à altura de uns cinquenta pés. Desde o presbitério até a porta da igreja, inclusive, levantei vinte e quatro colunas em série igual de ambos os lados (SEPP, 1972, p. 237).

Harnisch afirma que (1972, p.XXXI) toda a construção era magnífica, mas “a obra-prima desta redução era o relógio da torre da igreja construído pelo próprio Padre Sepp”.

Capítulo XXVII (p.238-243) Pe Sepp é posto à testa das duas reduções, mesmo diante de tanta ocupação, assumiu o cuidado pastoral também da povoação de São Miguel, distante da nova colônia perto de quatro léguas. A nova função de Pe Sepp acabou sendo útil para São João Batista, pois passou a contar com a ajuda mais efetiva de técnicos e operários de São Miguel. Nesse tempo, todos ficaram felizes com a descoberta do ferro. Sepp declara (p.243) “o divino mineiro não os tirou das entranhas da terra, mas quis pô-los a descoberto numas pedras, que aqui existem a granel. Para mim e meus índios, este tesouro é, de certo, mais precioso que toda pedra preciosa”.

Capítulo XXVIII (p.244-246) Sepp descobre minério de ferro e aço, e os funde na construção da nova aldeia. Os indígenas chamam esta pedra, de acordo Sepp (p.245) de “*itacura*, por estar cheia de manchas ou grãos escuros; estes grãos quando expostos a um fogo muito intenso fundem-se em ferro e aço”. Afirma Sepp (p.245) com o ferro incandescente é “malhado então a fortes marteladas, recebendo a forma de enxadão, foice, cunha, machado ou lâmina, como se quiser”. Para obter tal resultado dos fornos o carvão deve ser feito de uma madeira duríssima, experiência que fez de Sepp (p.245) também “carvoeiro e ferreiro”.

Capítulo XXIX (p.247-248) Porque Deus quis fazer o Pe. Sepp descobrir minas de ferro e aço, e não de ouro e prata?

Se Deus mostrasse no Paraguai minas de ouro e prata, com isso mesmo fecharia o céu aos pobres índios, dada a ganância dos estrangeiros, que em dois tempos estenderiam, quais Harpias, as mãos e unhas para devastar estas nossas Reduções, e obrigariam esse novel povo de Cristo a explorar e abrir com escravos os veios do fúlgido metal (SEPP, 1972, p.247).

Alguns aspectos da vida dos guaranis, antes da descoberta do ferro, são destacados. Assim declara Sepp (p.248) “segam o trigo com ossos de vaca ou costelas à guisa de foices; cortam a carne com certas taquaras partidas ao meio; remendam a roupa com espinhos que furam a modo de agulhas para passar a linha”.

Capítulo XXX (p.249-251) de que modo se apagou um grande incêndio, caindo de repente chuva do céu sereno.

Capítulo XXXI (p.252-254) Transmigração das mulheres e crianças de São Miguel à nova de São João Batista. Somente depois de quase um ano, cultivando a terra e preparando o local, foram transmigradas as mulheres e crianças. A igreja, a casa dos padres e dos índios já estava em condições de receber toda aquela gente. As mulheres e crianças, com roupa nova feitas com o algodão, seguiam entusiasmadas para o novo lar.

A mãe carregada de múltipla prole, uma levando-o ao colo materno, outra encarapinhando-a sobre o ombro, uma terceira conduzindo-a pela mão ou pondo-a às costas como um fardo; algumas carregadas com panelas e abóboras (ou porongos?) levavam em u'a mão um gato, na outra galinhas atadas aos pés; em longa fila fechavam o cortejo os cães domésticos, como se fossem solícitos efebos (SEPP, 1972, p. 254).

Capítulo XXXII (p.255-257) Pe Sepp aperfeiçoa a nova colônia, embeleza a igreja e constrói fornos de olaria. Depois do sucesso da migração Pe. Sepp recebeu ordem de apenas ficar tomando conta da nova redução e finalizar as construções. Destaca Sepp (p.256) que era digno de ser visto na igreja “o enorme candelabro octogonal, dependurado no lugar da lamparina, junto ao grande presbitério”. Em seguida, afirma o autor (p.256), “a igreja está pintada a diferentes cores. Pelas colunas entrelaçam-se, não sem elegância, cachos de uva e ramalhetes de flores, como heras”. A igreja e todas as casas receberam telhas de argila cozidas num forno construído próximo da aldeia.

Capítulo XXXIII (p.258-262) Pe Sepp aumenta as alfaias do templo, embelezando as rendas, bordados e albas sacerdotais.

Capítulo XXXIV (p.263-264) Pe Sepp introduz as danças, que muito alegam os indígenas, nas celebrações religiosas de beleza rara. A música e o teatro também faziam parte.

Constituí oitro dansarinos, às vêses doze ou mais. Quando o celebrante sai da sacristia, estes, de velas acesas na mão, precedem dois a dois. Dois deles vão queimando continuamente aromas: as nuvens odoríferas se difundem em toda a igreja. Outros espalham flores pelo trajeto que o sacerdote perfaz para aspergir o

povo com água lustral (SEPP, 1972, p.263).

Sepp (p.263) completa que os “dansarinos atraem a atenção de todos, principalmente quando prendo a seus pés chocalhos e guisos”¹³. Além disso, diz Sepp (p.264), “procurei suscitar sentimentos de piedade em nossos índios por meio de cenas teatrais”.

Capítulo XXXV (p.265-270) situação feliz na nova colônia. Habilidade dos indígenas para quaisquer trabalhos mecânicos e seu prodigioso talento musical. Sepp organiza e distribui funções na nova redução.

Elaborei um projeto de leis civis, criei magistratura, instituí um consulado, nomeei questores, e coloquei à testa da colônia juizes com direito aos fascas. Ao mesmo tempo tratei de formar um corpo de exército contra repentinas invasões e assaltos da parte dos brasileiros. Para este fim, investi alguns índios do encargo de general e reparti entre os demais as patentes de capitães, coronéis, alferes, tribunos, vice-tribunos, embaixadores ou lugar-tenentes, questores, comissários, centuriões, bem como todos os mais ofícios requeridos para tempo de guerra (SEPP, 1972, p.265).

A redução, vivendo essa prosperidade, não podia esquecer o perigo da escravidão brasileira. Sepp afirma que (p.267) “o armamento bélico torna-se necessidade absoluta, para repelir com destemor qualquer violência. Ainda é bem conhecido o que sucedeu no século passado: devido à falta de espingardas nenhuma resistência se pôde fazer aos brasileiros”.

Todas as funções divididas e organizadas eram importantes e necessárias, assim como Sepp (p.265) afirma, “para o progresso de uma república”. A redução procurava produzir de forma autônoma, em vez de comprar de fora. Sepp afirma (p.266) “os tapetes de lã que as senhoras da nova colônia há pouco tempo fizeram, em nada inferiores aos tapetes turcos. Combinaram com suma elegância todas as cores nos mais variegados cambiantes”.

Os índios aprenderam como declara Sepp (p.266), “a fabricar sinos de bronze, a fundir tachos de estanho, a preparar salitres e nitratos em pó. Tenho visto, com grande admiração minha, relógios feitos pelos índios, relógios que dão horas”. Sepp observa que os índios possuem uma habilidade maior na área mecânica do que na espiritual.

Segundo Sepp (p.268) “em cada Redução se pode topar um ou mais campeões destes mestres em todos os ofícios mecânicos e exímios maestros de música”. Os padres perceberam a força da música. Sepp afirma (p.269) “havia de reuni-los em Reduções e os amansar pouco a pouco por meio da música”. Dessa forma, tocavam música em todos os dias da semana.

A contribuição de Pe. Sepp é enorme durante os 40 anos que passou com os indígenas. Sepp morreu em 1733 com 78 anos de idade, possivelmente em São João Batista.

¹³ Foi mantido *dansa* como está na tradução, mas o correto pela língua portuguesa é *dança*.

O território da antiga redução do Pe. Sepp tomou mais tarde o nome de “Comarca de Cruz-Alta”. É a chamada “província do Alto-Uruguai”, território onde foram erigidas posteriormente, por volta de 1820, as freguesias de Cruz-Alta, Passo Fundo e Soledade. Destas, foram depois desanexados diversos municípios florescentes, entre eles, Palmeira, Irai, Ijuí, Tupanciretã e Julio de Castilhos (HARNISCH, 1972, p.XXXV).

Com a conquista portuguesa da região, pouca coisa material restou de São João Batista. Existe ainda o resto do muro lateral da igreja e poucos artefatos no local. Ao contrário, os escritos permanecem e para Harnisch (1972, p.XXXIX) “os rebanhos de gado e os bosques de erva-mate, os maiores. E em parte alguma de toda a América a arte, os ofícios e a manufatura floresciam, como nas Missões, entre 1690 e 1750”.

Como era de se esperar ocorreu resistência à demarcação do Tratado de Madri (1750), que pretendia trocar os Sete Povos pela Colônia de Sacramento. Esta é a origem da Guerra Guaranítica, onde Sepé Tiaraju liderou o exército guarani para impedir a efetivação do tratado. O conflito teve um fim trágico aos guaranis e às Missões. Sepé tombou, mas continua vivendo nas canções e poesias e até nos “Contos Gauchescos” de Simões Lopes Neto¹⁴.

Diante da resistência na demarcação, em 1762, o Tratado de Madri foi anulado e os guaranis e jesuítas puderam voltar às reduções. Isso, contudo, foi por pouco tempo, pois já em 1768 os jesuítas são expulsos. A administração colonial espanhola assume os Sete Povos, mas eles rapidamente debilitaram-se, sendo abandonados à própria sorte.

Considerações finais

Através dos escritos e da ação de Pe Sepp foi possível “acompanhar” o processo da construção de uma nova redução, como a de São João Batista, em 1697. As missões jesuíticas, especialmente dos Sete Povos, representaram uma experiência humana que contava com uma forma coletiva e equilibrada de ocupação territorial. Com alimentação, vestuário, moradia, educação, música e as necessidades básicas garantidas a todos/as missioneiros/as. A região, em pouco tempo, transformou-se, antes de Porto Alegre, numa das mais desenvolvidas da América. Isso se explica, em grande parte, porque a ocupação territorial não estava baseada na propriedade privada, mas no uso coletivo em que a produção era distribuída solidariamente.

Depois de transcorridos mais de três séculos os escritos do Pe. Antônio Sepp continuam

¹⁴ Lopes Neto, João Simões, 1865-1916. Lendas do Sul. 12 ed. – São Paulo: Globo, 1996. Recolheu esta poesia: O Lunar de Sepé (p. 101) em 1902, sofrivelmente recitada por uma velhinha mestiça – Maria Genória Alves – moradora na picada que atravessa o rio Camaquã, entre os municípios de Canguçu e Encruzilhada.

inspirando novos estudos, reflexões e interpretações, diante das enormes contradições sociais construídas pela ocupação territorial posterior à Guerra Guaranítica. O Livro *Viagens às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos* podem representar para a história do Rio Grande do Sul o mesmo valor que a Carta de Pero Vaz de Caminha possui em relação ao Brasil. A *Viagem* e os *Trabalhos* são fontes primárias de pesquisa que descrevem uma época, uma experiência social, política e econômica diferenciada daquilo que predominou no Brasil Colonial. A característica de ocupação coletiva da terra nas Missões pode ser uma referência de proximidade que diversos movimentos populares, culturais e outros grupos encontraram como caminho alternativo. Mas isso será objeto de estudo posterior, em especial da música nativista integrante dos “Quatro Troncos Missioneiros”, que surge como forma de protesto e resistência à realidade social e desigual estabelecida no pós-Missões.

Referências

- CHRISTENSEN, Tereza Neumann de Souza. **História do Rio Grande do Sul em suas origens missioneiras**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
- FREITAS, Décio. **O Socialismo Missioneiro**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1982.
- LUGON, Clóvis. **A República “Comunista” Cristã dos Guaranis: 1610/1768**; tradução de Álvaro Cabral, prefácio de Henri-Charles Desroches. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LOPES NETO, João Simões, 1865-1916. **Lendas do Sul**. 12 ed. – São Paulo: Globo, 1996.
- NEDEL, Rui. **Esta terra teve dono**. Porto Alegre: Tchê!, 1984.
- SEPP, Anton, 1655-1733. **Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos apostólicos**/ Padre Antônio Sepp; nota Rubens Borba de Moraes; introdução Wolfgang Hoffmann Harnisch; tradução A. Raymundo Schneider e dos alunos da Companhia de Jesus, em Pareci. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.
- SILVEIRA, Carlos. **Revista Sepé Tiaraju: 250 anos depois...** Ijuí: Plano B – Editoração e Marketing, 2006.